

Documentário

Corrente desigual:

O desafio feminino na Eletrotécnica



POR

RAQUEL PACHECO

PRODUTO EDUCACIONAL DA DISSERTAÇÃO
DESIGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO NO
CURSO TÉCNICO EM ELETROTÉCNICA DO IFS – CAMPUS ARACAJU

IFS – ARACAJU

PROFEPT

FAPITEC – SE

RAQUEL PACHECO

**DOCUMENTÁRIO CORRENTE DESIGUAL: O DESAFIO FEMININO NA
ELETROTÉCNICA**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe, como parte da dissertação “Desigualdade de gênero na educação profissional: um estudo no curso técnica em Eletrotécnica do IFS – Campus Aracaju”

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elza Ferreira Santos

Aracaju - SE

2025



Ministério da Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

Marcelo Bregagnoli

Reitora do IFS

Ruth Sales Gama de Andrade

Conselho Editorial Científico

Aline Ferreira da Silva

Wanusa Campos Centuriom (Suplente)

Ciências Sociais Aplicadas

Diego Lopes Coriolano

Herbet Alves de Oliveira (Suplente)

Engenharias

João Batista Barbosa

Simone Vilela Talma (Suplente)

Ciências Agrárias

Joelson Santos Nascimento

Ciências Humanas

Juliano Silva Lima

Ciências Biológicas

Junior Leal do Prado

José Aprígio Carneiro Neto

Multidisciplinariedades

Manoela Falcon Gallotti

Márcio Santos Lima (Suplente)

Linguística, Letras e Artes

Marco Aurélio Pereira Buzinaro

Tiago Cordeiro de Oliveira (Suplente)

Ciências Exatas e da Terra

Editoração

Coordenadoria de Editoração

Célia Aparecida Santos de Araújo

Kaio Victor dos Santos Ribeiro

Paula Andrade de Oliveira

Coordenadoria de Registro e Normatização

Célia Aparecida Santos de Araújo

Kaio Victor dos Santos Ribeiro

Coordenadoria de Recursos Editoriais

Hilton Henrique Cruz Santos Pereira

Copyright© 2025 - IFS

Todos os direitos reservados para a Editora IFS. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transformada em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

Editora-chefe

Kelly Cristina Barbosa

Coordenador Geral da Editora IFS

Daniel Amaro de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas do IFS

Pacheco, Raquel.

P116d Documentário corrente desigual: o desafio feminino na Eletrotécnica [recurso eletrônico]. / Raquel Pacheco. – Aracaju: EDIFS, 2025.

13 p.; il.

ISBN: 978-85-9591-277-9

1. Mulheres - Eletrotécnica. 2. Educação Profissional e Tecnológica. 3. Desigualdade de gênero. I. Santos, Elza Ferreira. [Orientador]. II. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnologia – Profept. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS. IV. Título.

CDU 396.4:621.3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Kelly Cristina Barbosa / CRB-5/1637.

[2025]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)

Rua Dom José Thomaz, 194 - São José, Aracaju - SE, 49015-090

TEL.: +55 (79) 3711-3146 E-mail: edifs@ifs.edu.br

Impresso no Brasil

1. Trajetória da pesquisadora e origem do documentário

O documentário “Corrente desigual: o desafio feminino na Eletrotécnica” (figura 1) nasce de uma trajetória pessoal marcada por vivências profundas no contexto da educação básica pública e por experiências que atravessaram minha história familiar. Cresci observando minha mãe, avó e irmãs enfrentando desigualdades cotidianas e, ao ingressar na docência, passei a reconhecer essas mesmas marcas nas meninas que acompanhava em sala de aula. Essas vivências moldaram meu olhar sensível às questões de gênero e fortaleceram a necessidade de discutir, registrar e transformar as realidades que vejo e vivo.

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado pelo Instituto Federal de Sergipe, encontrei espaço acadêmico e metodológico para transformar essas inquietações em pesquisa. O documentário configura-se como produto educacional do trabalho de mestrado, vinculado à linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) e inserido no Macroprojeto 2: Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT. Sua concepção é, portanto, resultado de um movimento que articula história de vida, prática docente, pesquisa acadêmica e compromisso com a inclusão.

Para compor o documentário, foram planejadas e desenvolvidas entrevistas e oficinas (figura 2) que permitiram reunir diferentes perspectivas sobre a desigualdade de gênero no curso Técnico em Eletrotécnica. As oficinas foram realizadas especificamente com as turmas dos primeiros anos, escolhidas por representarem os estudantes que estão iniciando sua trajetória no curso, momento em que suas percepções ainda estão sendo formadas. Essa escolha possibilitou analisar como esses alunos compreendem, logo ao ingressarem, as desigualdades de gênero presentes no ambiente escolar e nas relações construídas no cotidiano do curso.

As oficinas realizadas durante a pesquisa foram decisivas para o surgimento do documentário. As falas espontâneas das estudantes e docentes, em especial das meninas que enfrentam a desigualdade de gênero no curso de Eletrotécnica, revelaram nuances que mereciam ser registradas de forma sensível e acessível.



Assim, o audiovisual tornou-se a linguagem ideal para ampliar o alcance das discussões e dar visibilidade às vozes que resistem diariamente.

Figura 1: Capa do documentário

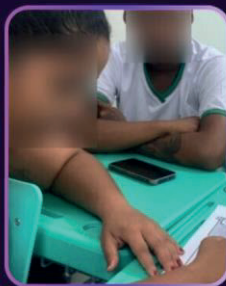


Figura 2: Oficinas



ERA PRECISO ABRIR ESPAÇO. ESPAÇO PARA PENSAR, PARA OUVIR, PARA SE RECONHECER NO OUTRO

As oficinas foram semente e solo para que algo novo
pudesse brotar



Fonte: Acervo da autora (2025)

2. Etapas de preparação e construção do documentário

A preparação para o documentário iniciou com as pesquisas acerca do tema, que neste caso incluíram a pesquisa bibliográfica, conforme citado por Corradini (2017/2019) sobre a importância da participação no curso de vivência audiovisual, que incluiu em sua programação introdução, roteiro, direção, produção, fotografia, filmagem, captação e edição de som.

No período de preparação, buscamos os materiais necessários para as filmagens, que foi realizado com o celular, por conta disso foi providenciado um celular emprestado, para que fosse possível captar imagens em dois ângulos, frontal e lateral, microfones de lapela, para a aumentar a captação de áudio, dois tripés para estabilização de imagem, sendo um deles já com luz de led, caso realizássemos gravações a noite no campus. Para a aquisição destes materiais, assim como transporte, impressão de materiais e por tornar essa pesquisa possível, contamos com a contribuição da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC/SE.

Com o pré-roteiro para a gravação do documentário, roteiros para entrevistas semiestruturadas com alunas, docentes e servidores prontos, buscamos voluntários para as entrevistas. Participaram do documentário os(as) docentes: Daniel

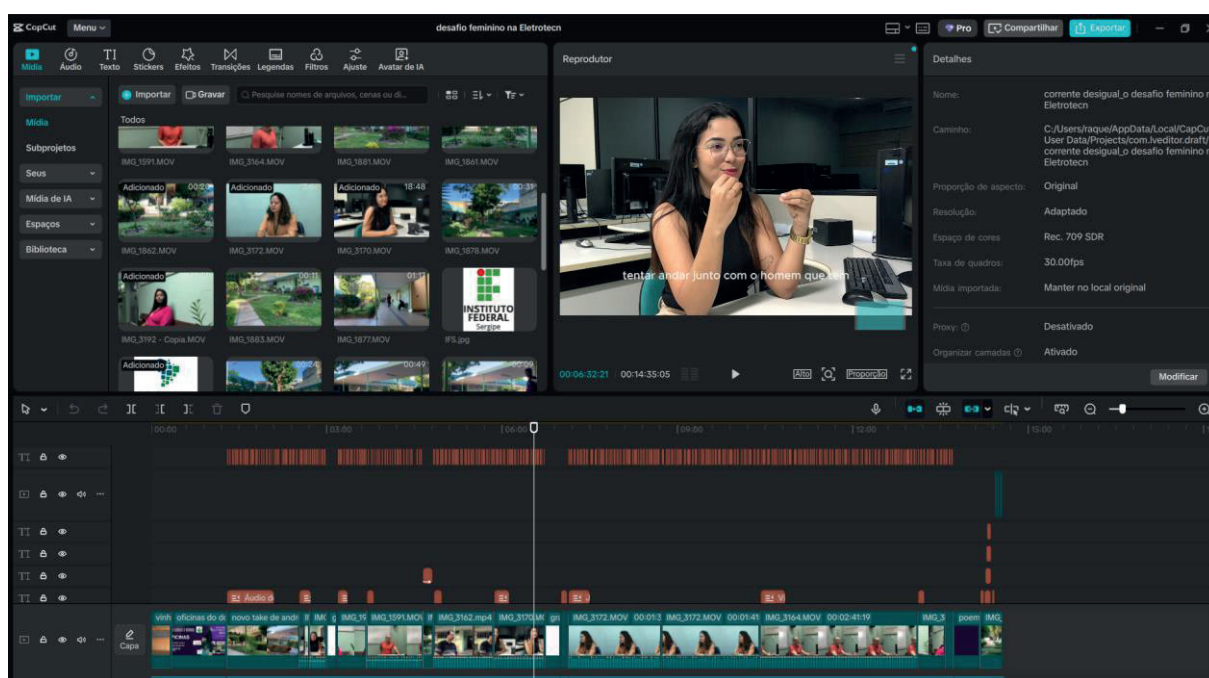


Link para o documentário

Magalhães¹, Vinícios Valença Ribeiro e Josiane Silva Lopes. As alunas que aceitaram participar das entrevistas foram Taislainny Alcântara de Andrade e Joana D'arc Santos além de um ex-aluna que preferiu permanecer anônima.

Na composição do documentário foi necessária a utilização do aplicativo *Canva* para a capa e do aplicativo *Capcut* (figura 3) para a edição de áudio e vídeo, além da utilização de áudios encontrados a biblioteca de músicas do *Youtube*, em uma seleção livre para uso.

Figura 3: Edição



Fonte: Acervo da autora (2025)

3. Entrevistas

Durante as gravações, priorizou-se um ambiente seguro e dialógico, buscando respeitar os princípios éticos da escuta e da representação. Inspirado no pensamento de Paulo Freire (1996), o processo de filmagem foi conduzido como uma prática de comunhão: os sujeitos não foram apenas entrevistados, mas convidados a refletirem sobre suas trajetórias, experiências e visão sobre o curso. A escuta atenta permitiu que cada depoimento se tornasse um fragmento essencial de uma narrativa coletiva.

¹Os(as) professores(as) e alunas se dispuseram a aparecer no documentário e neste trabalho com seus nomes reais, conforme termo de autorização de uso de imagem e depoimento assinados.

Das entrevistas com as alunas, destacamos os obstáculos enfrentados em um ambiente predominantemente masculino. Sua fala revelou sentimentos de resistência, exclusão e dúvidas levantadas sobre o curso:

- Com os professores, às vezes, na hora da aula, falam assim, por que você escolheu esse curso? Você sabe que esse curso é lá em cima, né?- Só que tem essas brincadeirinhas, às vezes, por ser uma mulher, num curso que é predominante masculino, né? E quer testar o tempo inteiro, se é isso mesmo que você quer? preste atenção! (Taislainny de Andrade, ex-aluna do curso de Eletrotécnica.)

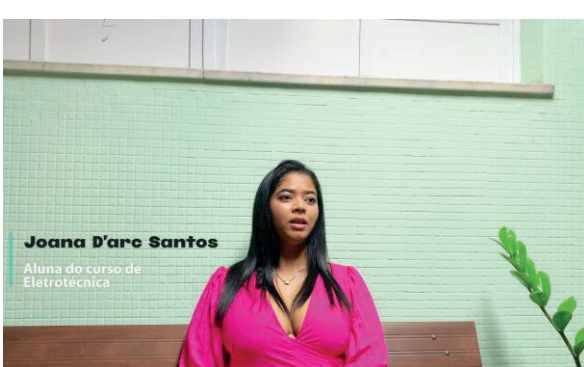
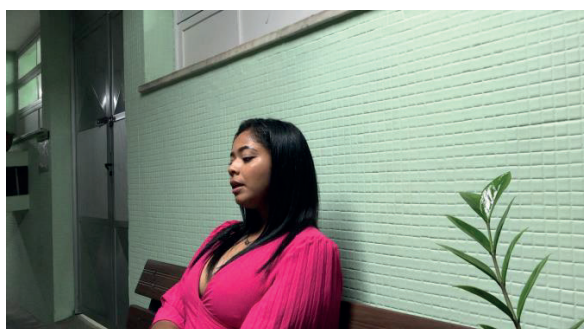
- Envolvendo o professor, teve uma que eu me senti bastante constrangida. Eu sou a líder da turma, né? Um voto geral dos meninos. E eu peguei essas camisas (*da turma*), estava em um salão bem grande. E aí eu peguei essas camisas e estava entregando aos meninos. E aí um dos professores chegou, me viu e falou assim: distribuição de camisinhas?

-E tipo, eu estava no corredor, sabe? E um bando de homens. E aí eu fiquei super constrangida.

- E aí eu fechei a cara. E aí ele viu que eu não gostei. E aí ele perguntou quanto que era. E aí eu fui cortando e a brincadeira acabou. (Joana D'arc Santos, aluna do curso)

Ambas demonstram como o curso impacta diretamente suas percepções de pertencimento e de futuro profissional, o que nos remete à importância de repensar políticas institucionais de acolhimento e permanência, abaixo imagens das entrevistas das alunas nas figuras 2 e 3.

Figuras 4 e 5 das alunas Taislainny de Andrade e Joana D'arc Santos.



Link para o documentário

Entre docentes, a fala da única professora entrevistada, Prof. Josiane Lopes², evidenciou o lugar ambivalente que ocupa: ao mesmo tempo educadora e testemunha da desigualdade de gênero. Ela relatou situações em que alunas demonstraram o peso dos estereótipos de gênero por estarem no curso.

E aí eu vejo que às vezes tem isso da menina ficar, como que eu posso dizer, deslocada na turma porque às vezes o que ela conversa não é a mesma coisa que os meninos conversam. O jeito como eles se comporta também é diferente. Então eu vejo que às vezes a menina se sente um pouco mal, mas ela está no ambiente, está estudando algo que ela quer. (Prof. Josiane Lopes, professor de informática no curso).

O professor Vinícius Valença reforçou a necessidade de ações institucionais mais contundentes, relatando o contexto político e o medo sentido por professores ao abordar assuntos mais delicados, como gênero:

Quer dizer, não temos ações coletivas, que poderíamos ter, mas sei que existem alguns professores que trabalham. Mas ainda acho pouco, para ser sincero. Acho que escolas que têm esse perfil da educação tecnológica, profissional, que têm uma relação direta, oficial e assumida com o mundo do trabalho, são escolas que deveriam se preocupar.

Ela tem uma responsabilidade maior com certos temas, porque, veja, uma moça ou um rapaz que saia de um curso de eletrotécnica daqui na vida profissional dele não vai se deparar apenas com circuitos, dispositivos, cálculos, equipamentos. Ele vai se deparar com discursos, com ideias, com posicionamentos, com opiniões. E uma boa formação, uma formação ética, crítica, é o que vai possibilitar depois uma base para que esse aluno, lá na frente, no mercado de trabalho, o aluno ou aluna agora já profissional, é essa base que vai possibilitar que ele tenha uma interpretação da realidade e que seja responsável, que seja honesto, que não desemboque no que a gente tem visto ultimamente, como, por exemplo, negacionismos, reducionismos de todo tipo, simplificações, grosseiras. Acho que as escolas que têm esse caráter profissional às vezes esquecem dessa outra dimensão.

A gente sabe, a gente não pode ser ingênuo, a gente sabe que, diante das forças discursivas lá fora que a gente conhece, a escola pode pouco, ela pode fazer alguma diferença, mas ainda é muito pouco. Isso não justifica não tentar. Certo?

Na verdade, é o contrário. Justifica tentar mais. É um motivo para se tentar mais.

E a gente pode muito pouco, a gente viu na prática o resultado disso recentemente, não vou entrar em detalhes sobre isso, mas acho que sim, que são temas que precisam ser abordados com mais ênfase, a gente precisa ter mais coragem. Os professores andam com muito medo e esse medo é

²A professora Josiane Lopes coordena o projeto "Integrando mais mulheres no mundo da ciência e da tecnologia".

legítimo, mas é preciso procurar mecanismos, recursos, união para poder driblar isso e trazer a discussão. A gente anda com muito medo de discutir certas temáticas. (Prof. Vinícius Valença, Língua Portuguesa)

Sua percepção aponta sobre o papel da escola técnica na formação ética e cidadã dos alunos. Ele alerta que, embora existam iniciativas individuais de docentes, ainda são insuficientes diante da responsabilidade que instituições de educação profissional têm com temas como ética, posicionamentos ideológicos e formação crítica. Defende que a escola não pode se limitar ao ensino técnico, pois os alunos enfrentarão também discursos e valores no mundo do trabalho.

Já o segundo professor, Prof. Daniel Magalhães, que ministra a disciplina de Instalações Elétricas, relatou uma situação vivida por uma colega no mundo do trabalho, que segundo palavras dele, ela “foi testada” por ser mulher na área de Engenharia Elétrica.

E das minhas colegas que formaram e que estudam e trabalham nessa área. Elas realmente gostam. Uma, em específico, foi testada onde ela trabalhou. Talvez no sentido de ver se ela ia ter mesmo aptidão para executar, a parte física, ela foi testada nessa parte.

Porque a vaga era para essa parte, e ela mostrou que ela podia fazer e fez. Ela trabalhou com coisa pesada. Carregou motor. Ela mostrou que poderia fazer um serviço igual ao homem. E com grande qualidade.

E hoje ela foi promovida, encarou o desafio. Não deu para trás! Mostrou seu valor e conseguiu alcançar o resultado.

Agora fácil não é também. Por que imagina? está sendo testada. E você fica na dúvida, será que é para mim mesmo? Tem que ter muita certeza do que quer.

Talvez para a mulher, ela vai ter que ter mais determinação. Eu realmente quero isso, e vou mostrar que vou chegar, que aí o respeito, ele é conquistado. E aí consegue chegar, e acaba um pouco essa questão de preconceito. Essas coisas que existem, que a gente sabe que atrapalham. (Prof. Daniel Magalhães, Instalações Elétricas)

A trajetória de mulheres que atuam em áreas técnicas como a Eletrotécnica ainda é atravessada por múltiplas barreiras simbólicas e materiais que exigem, frequentemente, que elas "proven" sua competência de forma mais intensa do que os homens. A fala do professor Daniel Magalhães evidencia esse cenário ao relatar o caso de uma colega que foi submetida a um processo de testagem no ambiente de trabalho, tendo que demonstrar aptidão física e técnica para, só então, conquistar reconhecimento e promoção profissional.



Link para o documentário

Ao incluir as vozes de estudantes e docentes, o documentário rompe com o silêncio institucional e se constitui como uma pedagogia visual crítica. A escuta e a imagem, neste projeto, não apenas ilustram, mas educam, desestabilizam e convocam à ação. Abaixo fotos de alguns momentos das entrevistas e a imagem do pôster do filme e o QR Code de acesso:

Figuras 6,7 e 8: Prof. Daniel Magalhães, Prof. Josiane Lopes e Prof. Vinícius Valença.



Fonte: Acervo da autora (2024/2025)

Corrente Desigual: O desafio feminino na Eletrotécnica

UM FILME DE
RAQUEL PACHECO

DOCUMENTÁRIO SOBRE
DESIGUALDADE DE GÊNERO NO CURSO DE ELETROTÉCNICA

FAPITEC – SE

IFS – ARACAJU

PROFEPT



Link para o documentário



QR Code de acesso ao documentário

4. Conclusão

A produção do documentário “Corrente desigual: o desafio feminino na Eletrotécnica” revelou que, apesar dos avanços institucionais, na Educação Profissional e Tecnológica, persistem desafios concretos na vivência cotidiana das estudantes. As narrativas apresentadas, tanto nos depoimentos gravados quanto nas análises das oficinas e atividades pedagógicas, evidenciam que a presença feminina na Eletrotécnica ainda é atravessada por tensões, estereótipos e barreiras simbólicas que influenciam a permanência e o desempenho das alunas. Esses elementos reforçam a importância de compreender a desigualdade de gênero não como exceção, mas como componente estrutural das relações formativas.

Ao longo do processo, tornou-se evidente que as experiências das estudantes revelam formas sutis e explícitas de discriminação que, embora muitas vezes naturalizadas, impactam diretamente o sentimento de pertencimento e a construção de identidade profissional das jovens mulheres. Ao mesmo tempo, o documentário mostra que há espaços de resistência, apoio docente e iniciativas pedagógicas capazes de tensionar esse cenário, especialmente quando práticas dialógicas, metodologias participativas e estratégias de sensibilização são incorporadas ao cotidiano escolar. Assim, a obra audiovisual cumpre também um papel formativo ao convidar a instituição e a comunidade escolar a refletirem criticamente sobre suas próprias práticas.

Realizar este documentário foi, além de um compromisso acadêmico, uma vivência profundamente significativa e transformadora. A satisfação em concluir este trabalho, que nasce de inquietações pessoais e profissionais, se soma ao reconhecimento da importância de dar visibilidade às vozes das estudantes e docentes que compartilharam suas experiências com generosidade e coragem. A todas as pessoas entrevistadas, expressei meu sincero agradecimento pela confiança e pela participação. Estendo também meu agradecimento ao ProfEPT, à PROPEX/IFS e à FAPITEC, cujo apoio institucional, científico e formativo tornou possível não apenas a realização do documentário, mas também a consolidação deste percurso investigativo que reafirma o compromisso com uma educação mais justa, inclusiva e transformadora.

5. Referências Bibliográficas

CORRADINI, A. L. D. **CRIAÇÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL PARA EAD**. 1. ed. Maringá: CESUMAR, 2017. v. 1. 120p

CORRADINI, André Luiz Delgado. **Princípios do cinema e introdução ao videodocumentário**. Curitiba: InterSaberes, 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



Link para o documentário